Sobre Palavras e Tempo



Poesia e artes plásticas fundem-se, resultando na mais pura expressão de liberdade artística.

Fábio Gomes

Sobre Palavras e Tempo

Poesia e Artes Plásticas fundem-se, resultando na mais pura expressão de liberdade artística.

Fábio Gomes

2016

Sobre Palavras e Tempo, é uma mistura de linguagens que se completam. A Poesia é expressa em imagens e as imagens aparecem como expressão poética. Para mim, as Artes Plásticas são uma forma de expressar sentimentos, visão de mundo, reflexões sobre a vida e a existência, logo, seria impossível separá-las da poesia, já que essa me é orgânica! Respiro palavras que o vento me traz e através da união dessas duas linguagens, as devolvo ao universo. Este livro vem ilustrado com alguns dos trabalhos da minha última exposição de Artes Plásticas 'Voo sobre luz e sombras', que esteve no Museu Municipal de Campos entre 14 de abril e 01 de maio de 2016. Os poemas aqui presentes, são uma coletânea de textos que venho escrevendo por anos, em momentos diferentes de minha vida e por isso a passagem do tempo, entre outros temas, é um assunto relevantemente recorrente e facilmente identificado. Assim como nas minhas ilustrações, coloco com total liberdade, temas variados, sem maiores pretensões ou compromissos que não sejam com a arte e a expressão íntima. Falo sobre o mundo que me cerca, as minhas expectativas para o futuro, sobre o meu passado e o meu presente, sobres as minhas relações com as pessoas, com os lugares e com a própria poesia.

Fábio Gomes.

Palavras à meia luz

Escrevo, mesmo à meia luz
Escrevo porque respiro
Porque sinto a vida pulsando
Enquanto o mundo repousa em sono profundo

Urgentemente palavras surgem
Já nem esperam a manhã seguinte
Pois os meus olhos brilham
Mesmo quando adormeço

De um choro guardado por séculos
Ou de um sorriso acorrentado
Numa catarse delirante,
Agonizante, ainda escrevo

Meu coração é maior que o peito
Nessa hora que é maior que o dia
E tardiamente faço poesia
De alma livre e espírito leve

Digo versos a mim mesmo
E assim grito aos quatro cantos
Da Vista Chinesa à Guanabara
Do mar prata à lua azul

Passeio por céu e terra
E por onde nem sei definir
Fazendo um mosaico de cores
Das flores que florescem em mim

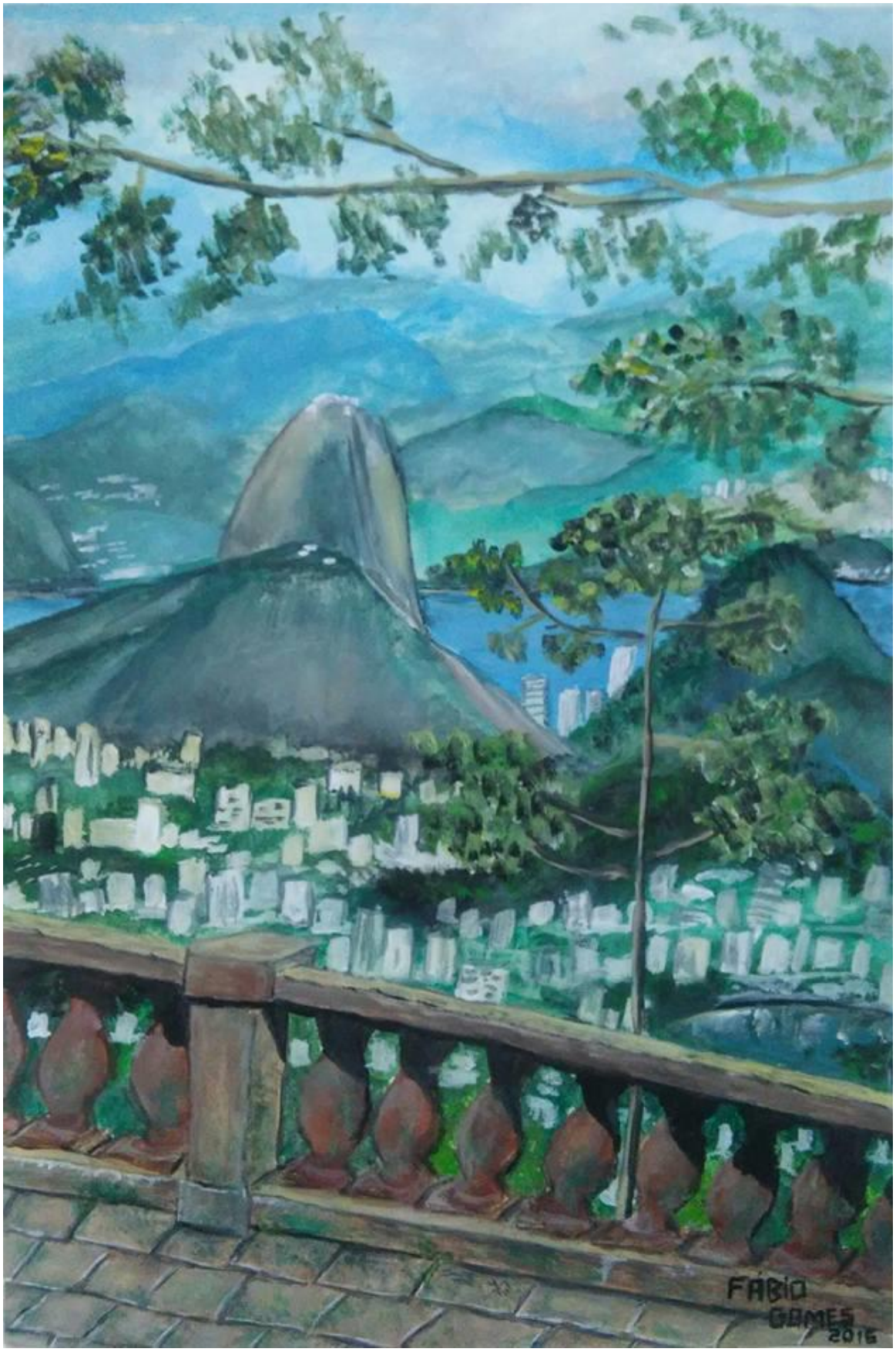
O existir é maior que tudo
E os códigos decrépitos falham
Atropelados pelas emoções
Entre erupções linguísticas

Assim como asas trocando plumagem
Sonhos brotam em silêncio
Em um vazio tão ensurdecedor
Quanto a dor de ossos que crescem

Com frescor de tímida nascente
Que encontrará o oceano
Amo cada inquieto verso
Que incerto e trêmulo escrevo

Não tenho como alternativa
Sucumbir às amarras da verdade
Ou escorregar na movediça ilusão
Por isso escrevo e renasço, então

Da vista chinesa à Guanabara espalho a minha poesia.



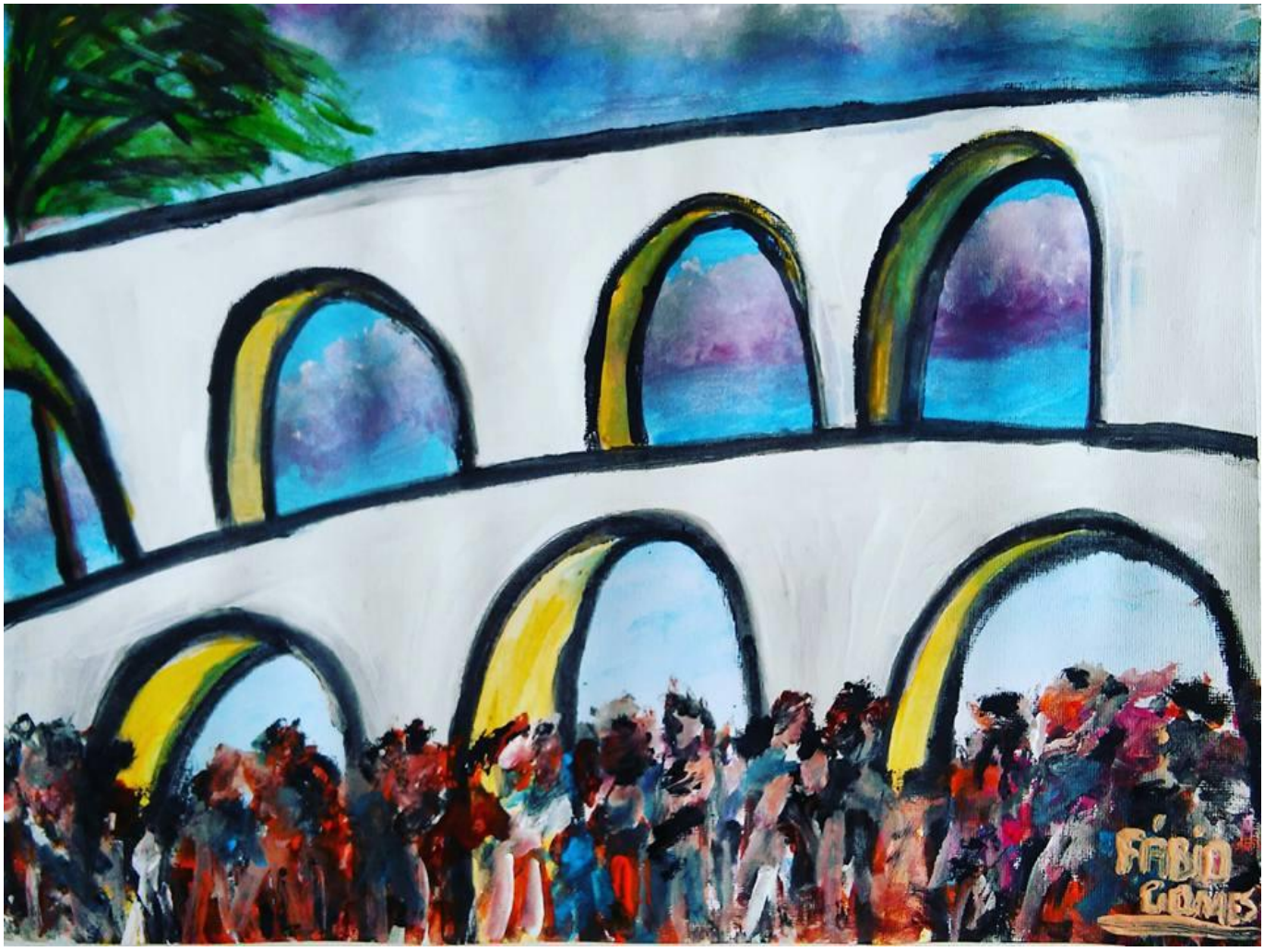
1. Estrada da Vista Chinesa

O dia que perdi o meu celular

Era carnaval
Era Rio de Janeiro
Era mais um dia quente
Nesse purgatório tropical
Havia uma mistura de sons
Havia uma mistura de peles
E uma miscelânea de cores
Psicodelia, suor e cerveja!
Era um dia de sorrisos largos
Era um dia de libido louca
Era um dia de ser feliz por uma vida inteira
Havia liberdade nos gestos
Havia beleza nos corpos
Havia nudez nas almas
Que bailavam pelas ruelas e avenidas
De repente o mundo parecia derreter
De repente luz, sombra e entardecer
De repente uma chuva apoteótica
Para banhar vidas secas
Era um corre-corre pra lá
Era uma dança das águas pra cá
E todos nós brincando
Voltando aos quatro anos de idade
Já não havia pecado no mundo
Já não havia deuses ou pagãos
Já não havia futuro, passado ou algo além daqueles instantes sem fim!
Era a música mais bela o que se ouvia
Era a alegria mais pura o que se sentia
E todos na rua
Eternos, uníssonos e amorais
Olhos eram radiosos de esperança
Corações eram repletos de sonhos
E o firmamento poderia se acabar naquela exata cadência
Enquanto as pedras portuguesas refletiam os arranha céus
Fazia anos que não chovia assim
E não se vivia assim
Sem culpa, sem medo e sem dor!
E eu, jamais esquecerei esse dia
Que perdi o meu celular
Atrás do bloquinho da rua dos inválidos
Na Lapa.

Rio porque Amo Rio

Amo o Rio de Janeiro
Suas belas surpresas
Suas cores e sua luz
Seu movimento
Sua natureza
Sua leveza
Suas curvas
Seu céu
Seu sol
Amo
Rio

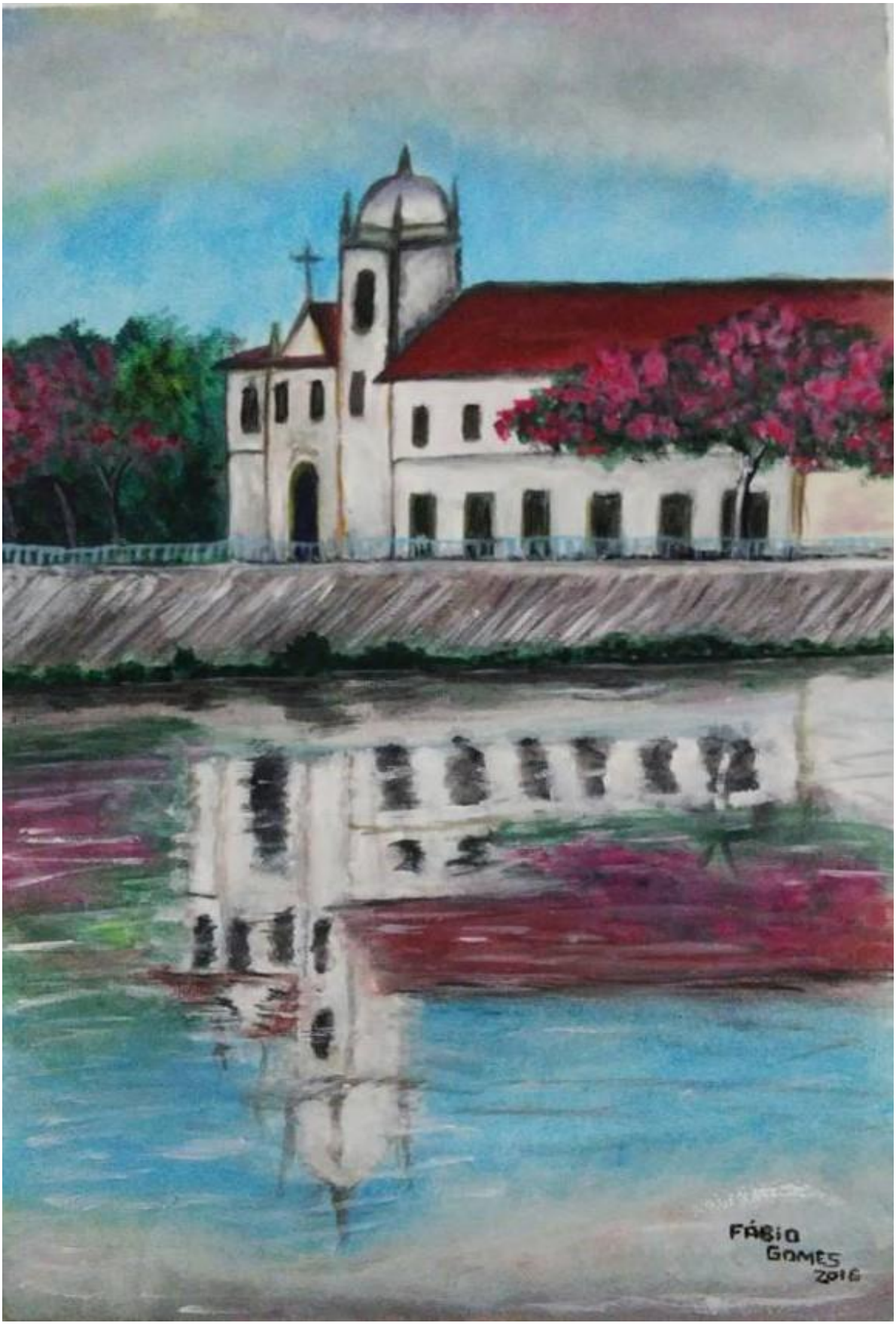


2. Carnaval na Lapa

Sou daqui

Amo o Paraíba
Refletindo a lua cheia
E a Igrejinha da Lapa
Lembro-me da minha meninice
Com gosto de Chuviscos
E de cana-de-açúcar à beira dos riachos
E acho que o Caetano gostaria disso
Esse céu que não é o de Santo Amaro
Mas, é o de minha Planície Goitacá
E cá pra nós, tem os seus encantos
Gosto do folclore e dos batuques do nosso samba
Dos morros que cercam a Lagoa de Cima
E dos prédios altos que miram a distante colina
Do jeito bruto das pessoas
Escondendo a candura
Gosto da gente cabrunca
Gosto da boemia
Gosto daqui
Sou feliz assim
Pelas estreitas avenidas do centro
Onde o povo se esbarra
Onde se escondem os botequins e os sebos
Onde a arte luta pra viver
E a cultura dá a cara à tapa
Olho as antigas fachadas e o mercado
As pedras portuguesas
E o que ainda é caótico
Numa cidade que cresce
Descontroladamente
Perdida e inocente
Sacode-se de repente
Tenho vontade de fugir
Da falta de vontade política
Da preguiça que dá de sonhar
Mas, aí, olho esse céu azul de Suassuna
Mesmo com o calor marejando os olhos
Sinto o vento nordeste
Respiro fundo
Reencontro amigos nos cruzamentos
Bebemos um chope na Pelinca
Falamos muito alto
Rimos de tudo e de nada
Rimos de nós mesmos
E do passado
Esquecemos do futuro
E pronto!
Já me sinto agradecido
Por aqui ter nascido.

O meu cantinho preferido, no centro de Campos dos Goytacazes!



3. Igreja Nossa Senhora da Lapa e Rio Paraíba do Sul

Arte do povo de cá

Música sob a luz do luar
Vozes em uníssono cantar
Palmas das mãos dando o ritmo
Cores a rodopiar

E aí vem a Mana-Chica
Deixa o corpo balançar
A viola já me chamou
Sanfona quis me abraçar

Formosura lusitana
E alegria de arraiá
Aí vem a Mana-Chica
E eu logo pego o meu par

Pelas clareiras das matas
Na planície goitacá
Minha gente vem dançando
Sorrindo para não chorar

Moça de saia rodada
De turbante e colar
Beijo de cana-de-açúcar
Cintura mole a bailar

Bato o meu pé no compasso
Que o tambor me ensinar
Mana-Chica, Mana-Chica
Patrimônio popular

Gente pobre, gente rica
Faz a roda só pra olhar
A nobreza dessa gente
Que brinca e pode sonhar

Do passado, nas senzalas
Ou no jardim do solar
Na baixada no Caboio
Em qualquer hora e lugar

Mana-Chica, Mana-Chica
Faz coração batucar
De chapéu nas mãos me ofereço
Moça faceira vem pra cá

Não faz mal esse chamego
Vem comigo, vem dançar
Ou de noite ou de dia
Mana-Chica sem para